

JORNAL DOS NOVOS

Boletim comemorativo do 1º. aniversário do Clube dos Novos

ANO I

TERESINA, DOMINGO, 28 DE SETEMBRO DE 1947

Num. 1

POLITICA

APRESENTAÇÃO

Este boletim que ora aparece é, nada mais e nada menos, do que uma reafirmação. Reafirmação de atitudes e de modos de pensar. Reafirmação de vida.

Em setembro do ano passado, uma plêiade de moços idealistas, procurando sacudir o marasmo da terra, fundou o «Clube dos Novos», com o fim de congregar os jovens intelectuais de nossa terra. Desafiando o espírito provinciano afeito a uma centena de preconceitos e a meia dúzia de juízos estratificados, ousou proclamar depois, em manifesto, que nesta parte do mundo também não era proibido pensar. E que as inquietações e as angústias do nosso tempo, como também a sua poderosa corrente de idéias novas, tinham necessariamente de encontrar eco entre nós. E que a arte e a literatura, como expressões genuínas da sociedade, tinham de refletir em nossos dias, obrigatoriamente, as dores e as angústias do homem de nosso tempo, com a sua ansiosa preocupação por uma vida melhor, de menos ignorância e miséria e de maior amor entre os filhos da terra. E que cada homem tinha o direito de pensar como quisesse, tendo tôdas as idéias o direito á livre manifestação. E que a verdade não era privilégio de nenhum homem, de nenhum sistema filosófico, mas poderia ser encontrada em qualquer parte, sendo como é um patrimônio de tôda a humanidade.

E porque pensaram assim e assim ousaram dizer êsses jo-

(Continúa na página seguinte)

Comentário Político

Por J. Ribamar OLIVEIRA
(Do «Clube dos Novos»)

Se quisermos observar a realidade nacional no tempo que passa presenciemos o atraso social e político em que nos debatemos, principalmente político, porque um é consequência natural do outro. E se fizermos uma análise imparcial dos fatos (mesmo sem profundismos, porque somos bastante superficiais em política, ou procuramos sê-lo) chegamos a tristes conclusões. Verificaremos então que quase nada progredimos. Principalmente no interregno ditatorial. Depois do propalado golpe «salvador» de 29 de outubro tudo descambou para o caos. Aliás, se fôrmos considerar as épocas, pouca diferença faz. Mas isto é uma consequência da transição atual. Não poderíamos dar maiores saltos dentro de um regime capitalista. Por isto mesmo é que diremos fazer pouca diferença do regime de fato para a nossa democracia ainda embrionária e já tão castigada pelo titeres do poder. Tudo tem acontecido desde o baque do ditador-mór. Vieram os primeiros sufrágios populares com a vitória do mais «sabido», mais adaptado e mais burguês, eleito pelos cabos eleitorais, o coronelismo e o engôdo dos falsos profetas. E demagogos vulgares, diria o ex-ditador. E isto tão somente porque a consciência nacional ainda é força de pequena geratriz. E também representada pelos medalhões vindos do império e da

(Conclue na segunda página)

Posição da inteligência

M. Paulo NUNES
(Do Clube dos Novos)

Já é tempo de se reconhecer de uma vez por tôdas que outra não é, hoje em dia, a missão da inteligência, senão a de esclarecer, educar, civilizar, levar o homem de nossos dias a uma vida melhor. Nunca, como se pensa ainda entre nós, uma finalidade diletante. Cada intelectual deve, para ser fiel á missão a que se propôs, superar a si mesmo, aos seus problemas pessoais, ás suas necessidades imediatas, para poder se integrar no combate do homem por uma vida melhor.

As recentes e sugestivas palavras do insuspeito Álvaro Lins sobre o saudoso Mário de Andrade, podem ser tomadas como uma vigorosa profissão de fé da inteligência, nos dias de hoje: «que se afaste o poeta dos oceanos pelos quais penetram os confortos, os requintes, as tentações do intelectualismo: que abandone as praias voltuosas e as límpidas águas da arte pela arte e se embrenhe terra a dentro, onde o dever do homem é o da solidariedade, na luta por um mundo melhor.» É, por conseguinte, uma posição de luta a do intelectual em face á situação do meio em que vive, em face ás situações criadas, nestes últimos tempos, para a inteligência. Eis porque o intelectual não pode alheiar-se, hoje em dia, alegando as imposições de sua arte, á vida política dos povos, sob pena de estar assim contribuindo para o estabelecimento de uma situação incompatível

(Contitúa na segunda página)

Comentário Político

(Continuação da primeira página)

república de 89. Tem sido sempre de uma só camarilha o queijo governamental. Poucas possibilidades para quem não está integrado nela. É sempre uma sucessão contínua sujeita ao interesse de um grupo, uma casta de polítriqueiros espalhada por todos os brasis. O mais é besteira. É tentativa em vão. Muita gente forte e idealista tem pelejado, experimentado. Rui, o civilista, no passado. Eduardo Gomes, o idealista, no presente. O que nem por isto seria uma vitória do povo. Porque não resolveria os problemas profundos desta imensa pátria. Ela exige uma democracia mais real. O Individualismo entre nós é constante fracasso, entretanto perpétuo, estrangulando-nos a cada passo. Somente uma socialização nacional poderia resolver nossos problemas já perenes no tempo. Mas tudo que cheira a renovação, transformação de costumes econômicos e sociais, encontra dos «pais da pátria» a pronta repulsa, a tremenda reação, levantando logo a bandeira do «patriotismo», porque vai de encontro às nossas «sagradas tradições». Sempre tem sido assim. O progresso vai sendo relegado sucessivamente, porque os renovadores, os revolucionários, são renegados como traidores.

E veio a Constituição de 18 de setembro de 1947, a nossa quarta Carta Magna, sem levar em conta o «monstrengo de 37». Cheia de imperfeições e falhas grosseiras, porque as emendas de caráter renovador e progressista, que acordariam definitivamente o Brasil do «seu berço esplêndido», numa alvorada de «ordem e progresso», foram repudiadas pela «maioria» da Assembléia Constituinte. Para que revolução nos nossos costumes se ela vem perturbar o semi-feudalismo do nosso «hinterland», tão a contento dos coronéis! Os representantes dos latifúndios lá estavam alertas, em maioria esmagadora, contra toda e qualquer alteração na nossa eterna estrutura político-econômico-social. Reforma agrária,

socialização dos meios de produção, tudo muito bonito, mas cheira a comunismo. Tudo que vá de encontro ao interesse dos sanguessugas nacionais e proporcione a libertação das massas trabalhadoras, é comunismo, ou cousa que o valha, deve ser extirpado, amaldiçoado. E foi por isso mesmo que João Mangabeira, o grande constitucionalista, num brado de revolta e decepção, declarou naquele tempo, que a nossa Constituição estava atrasada 170 anos, porque prendia o espírito revolucionário da época numa verdadeira camisa de força. Mas não importa o libelo do Mestre, o que importa precisamente é salvar os interesses de cada um em particular. O geral não interessa. O que vale é a maneira como eles querem o Brasil, do seu feitio, sem força para a sua libertação econômica, para que o povo seja sempre ignorante, mistificado e não se organize em classes, a fim de eleger os seus verdadeiros representantes. Porque isto seria a salvação nacional e o seu fracasso. Não importa o espírito revolucionário da época, é preciso salvar a pele, satisfazer os padrões, os interesses colonizadores.

E depois veio o pior. A luta constante do povo. As promessas esquecidas. Os programas partidários arquivados, como os demais das sucessivas campanhas nacionais. Conservou-se a polícia de arma na mão contra o povo. A sua matança em praça pública, apesar da «praça ser do povo, como o céu é do condor». O fechamento de partidos políticos. E tantas outras misérias, mostrando ao mundo a nossa mentalidade política, o nosso atraso social.

E virá mais, até a Bastilha cair por força do espírito revolucionário da época. Presentemente vemos a deterioração franca do regime, a sua decomposição. A luta partidária sem nenhum sentido social. As tricas políticas, os cambalachos, as tentativas de corrupção da nossa Constituição. Tão nova e

Posição da inteligência

(Continuação)

vel com a própria dignidade da inteligência. Pois já é um fato sobejamente reconhecido, hoje em dia, pelos homens de letras, de que foi o apoliticismo, espasado pelos intelectuais os mais conscientes de sua missão, uma das causas tão lamentáveis do servilismo por que passou a inteligência, em dias tão próximos. Com razão nos faz ver Osório Borba que o escritor, o cientista, o artista que alega a sua condição de «intelectual» para se refugiar no apoliticismo, está, conscientemente ou não, servindo à pior das políticas, à política da reação e do anti-progresso.

Mas quando dizemos que o intelectual não pode mais, em nossos dias, refugiar-se na sua arte, em completo abstencionismo político, não queremos dizer que ele vá sujeitar a sua arte a este ou aquele partido político, porque a criação artística é em si mesma anti-partidária. Pois o intelectual tem o direito de ser, mais do que ninguém, o homem sem partido, o *out law*. na expressão de Mário de Andrade. O de que não tem direito é de fechar a sua arte aos problemas, aos reclamos, às realidades do seu meio e do seu tempo. É de se fechar ele próprio aos deveres da cidadania, inerentes a todos os membros de uma coletividade. Porque é obrigação de todo artista verdadeiro trazer em si mesmo a marca do seu meio, a marca do seu tempo.

já pisada e conspurcada! Até reformá-la querem, para que possam satisfazer os seus intentos, cassar mandatos do povo. E esses são os caçadores de mandatos. Os falsos representantes. E infelizmente esses são também a maioria do Congresso. E isto é que se chama democracia. Democracia individualista é bem verdade, porque do contrário a realidade nacional seria outra.

E assim é que observamos

(Conclui na 3.ª página)

LETRAS & ARTES

POESIA

Hindemburgo DOBAL

Há poucos dias, um crítico assinalava a mudança de preferência de gêneros na literatura brasileira, nestas últimas três décadas. Nos anos de 1920 dominava a crítica, em 30, o romance e finalmente em 40, a poesia. Parece que este aumento de interesse pela poesia é geral. Nestes tempos trágicos que estamos vivendo, nestes anos de após guerra, de tantos rumores e agitações, incertezas e esperanças, ela tem um momento de grande vitalidade. Homens e mulheres, moços e velhos a procuram com ansiosa solicitude. Não como uma fuga, é claro. Exatamente pelo contrário: para se completar, para se achar. Porque os poetas, «apanham os nossos pensamentos meio formulados, os nossos desejos esmagados, dotando-os de harmonia e perfeição.» Os poetas sabem captar estas cousas estranhas: «o fluxo dos sentimentos poderosos recolhidos na tranquilidade» como dizia Wordsworth, que também achava que a poesia «era a apaixonada expressão que está no semblante de todo silêncio». Dêste silêncio surge a poesia — um modo de dizer as cousas de uma maneira diferente, simples, bela e impressionante — daí a sua importância, como pensava Matthew Arnold. Neste «raid ao inarticulado» (T. S. Elliot) tirar a beleza destas obscuras e nebulosas regiões de sonho e de silêncio, «tirer la forme de l'informe» (Valérie Vally) tem sido a tarefa de muitos poetas. Se atualizarmos o pensamento do filósofo grego de que a contemplação da beleza absoluta leva á felicidade, á «bela adormecida do gênero humano» (Raul de Leoni) e considerarmos com Shelley, que a «poesia volta tôdas as cousas para a beleza» teremos dado a ela uma finalidade imediata, estaremos julgando-a um meio de auxiliar o homem, de ajuda-lo na sua luta. E era assim que acreditava Keats: «o grande fim

da poesia, que ela seja um amigo para abrandar os cuidados e erguer os pensamentos dos homens». Seus caminhos são diferentes daqueles de que falava o Apóstolo: neles não há destruição nem miséria. Há música, luz, sombra, silêncio, estranhas e maravilhosas cousas que nós outros suspeitamos vagamente, a revelação, algo assim como uma estrêla ou o canto dos primeiros pássaros. Falamos em música e pensamos que a poesia, esta «rítmica criação de beleza em palavras», como explicava Edgar Poe, frequentemente se aproxima da música, sobretudo a lírica, que é a mais alta expressão poética. Assim a poesia ganha um colorido especial quando interpretada pela voz humana. Talvez isto explique as declamações. Bem, estávamos pensando em Rainer Maria Rilke, porque nela a palavra já era música completa, como notou Stefan Zweig.

Os poetas são talvez os artistas mais universais. Com mais frequência do que os outros transcendem as estreitas limitações de pátria, país e terra, e se incorporam ao patrimônio espiritual da humanidade. Há as limitações da língua, é certo, mas, não raro, o sentimento e o vigor resistem às traduções. Fica aquele esplêndido amor ao mundo. Whitman, o magnífico cantor da atlética democracia («to serve you, ma femme») com o seu Salut au Monde, é um ótimo exemplo. «Rio do que chamais dissolução, porque conheço a amplitude do tempo.» Os poetas conhecem êstes mistérios: a amplitude do tempo. Vivem de olhos abertos, olhos esperando a aurora, aquele instante de Goeth «a êste momento eu diria, detem-te, que és tão belo». Instante de suprema poesia.

Estamos falando de poetas e abusando das citações. É natural. Ninguém melhor do que êles para falar de poesia. Pela

A notícia do mês

Liga de Assistência à Infância

Iniciou a 12 do mês corrente suas atividades a «Liga de Assistência à Infância». Se quiséssemos dizer as cousas em poucas palavras, responderíamos a quem nos perguntasse o que isto é que a Liga não pretende mais, no momento, que dar leite a umas poucas crianças famintas. O programa de ação vai em poucas palavras. Mas é já um programa em execução. Umás três dezenas de crianças que estavam destinadas pelas condições de extrema pobreza de seus pais a morrer de fome estão, agora, alimentando-se regularmente. Dirá alguém que trinta meninos a que se prestam socorros quase nada representam se compararmos tal número ao dos que, realmente, estão a perecer porque não têm que comer. Convencemo-nos, entretanto, de que isto signi-

(Conclúe na quinta página)

Comentário Político

(Conclusão)

o Brasil no tempo que passa. A embrionária democracia sendo sacudida pelos solavancos do carro governamental, vergastada por seus guias, num desassossêgo irritante, em ânsias incontidas, sem ideal, nem tão pouco finalidade social. E isto só não vê aquele que não o quer, ou não pode por incapacidade de discernimento, porque já disse alguém que *não pensa livremente quem quer, mas quem pode.*

serena convicção e certeza que tem sobre ela. Pela fidelidade às cousas em que acreditam. Como Robert Frost: — «Não me encontrarão diferente do que êles conheceram—samente mais seguro de tudo o que eu pensava que era verdadeiro.»

Te — 17 — 9 — 47.

PROBLEMAS CONTEMPORÂNEOS

ATUALIDADE

Por J. M. RIBEIRO

(Do Clube dos Novos)

Para os que observam o nosso momento político, e através dele, procuram achar uma porta de saída para a nossa crise econômica, como solução das nossas necessidades maiores, é, francamente decepcionante, verificar os últimos acontecimentos nacionais. De há muito a atenção de nossos dirigentes tem se desviado dos mágnos problemas da coletividade e se dirigido exclusivamente para as questões político-partidárias.

Representantes, como são, de ordem social caduca, querem êles, apesar do absurdo, salvá-la a todo preço. É assim que lançam mão de todos os recursos disponíveis. Não lhes bastam as vantagens do poder coercitivo do estado; a pretexto de medidas de salvação, atentam contra as nossas finanças, sem levar em conta a situação angustiosa de nossa economia, que vive á mercê do acaso, sofrendo os mais rudes golpes com a invasão do nosso mercado pelos produtos estrangeiros.

Diante um quadro tão clamoroso como êste, há ainda quem defenda a ordem social vigente, a política inflacionista a que estamos sujeitos. Querem, assim, êles, a pretexto de salvação do regime, segurar tudo aquilo que venha beneficiar o patrimônio pessoal. Nada de interesse geral. E com isto veremos muito breve a debacle, o extermínio das nossas riquezas, das nossas restritas possibilidades, o que equivale a dizer: retrocedermos socialmente.

Essa política entrava a nossa indústria, tende a empobrecer os nossos capitalistas e a lançar na mais extrema miséria o proletariado. O seu fim é levar-nos a permanecer eternamente agachados diante dos Estados Unidos, porque ela nada mais é do que o cumprimento da vontade soberana do capitalismo reacionário ianque. Para isso há somente uma solução: Procurarmos para os mais altos

cargos representativos, legítimos representantes do povo.

Hoje, ninguém se engana, até mesmo os mais lanzudos, a não ser aquêles que deliberadamente entram na reação, em distinguir, ou melhor, verificar para onde vai a humanidade. Todos unânimes, ao nosso ver, confirmam que o mundo marcha para o Socialismo, divergindo a mais das vêzes, apenas, na maneira pela qual chegaremos a êle.

Na sociedade, como na natureza, o novo sempre domina o velho, o caduco desaparece, cede lugar ao que nasce.

Os representantes do povo, para que sejam legítimos, para que estejam de acôrdo com as realidades dos fatos, têm forçosamente de ser diferentes, o que equivale a dizer, serem representantes das idéias novas, entrar em oposição com o que há de velho na sociedade, porque «em política, para não nos equivocarmos, temos de olhar para a frente e não para trás».

No entanto, a cegueira obstinada do que há de caduco na Nação (e fora dela), embora já sentindo faltar-lhe terra nos pés, deliberadamente, procura, a todo transe, coibir qualquer transformação político-social. Para isso, fecham partidos, cassam mandatos dos representantes do povo, mentem, caluniam, obumbram a verdade, erguem um altar a Caifás e louvam a imparcialidade de Pilatos, cospem na cara de Garcia Lorca e dão títulos nobiliárquicos a Franco, no mais flagrante desrespeito às leis e à humanidade.

Não cuidam êles em resolver os nossos problemas mais vexatórios, como sejam: o aumento de nossa produção, como fonte de bem estar e conforto de nossa gente; a fome que dizima dois terços de nossas populações campesinas e urbanas. Apenas com esses desatinos, de futuro, entregarão manietado o nosso país ao capital estrangeiro colonizador.

E tudo isso, justificam, o fazem, em defeza de nossa liberdade, do direito, das nossas tradições políticas, como se o estagnado, o retrógrado, algum dia constituíssem tradição. Puro engano.

A liberdade é para cada um, não o direito que nada significa, mas sim um poder moral e natural de satisfazer as nossas necessidades naturais ou adquiridas. Como direito, tem sido sempre considerada, porque assim concebida poderá ser reconhecida pelo poder constituído, sem nenhuma violação da personalidade humana. Porém ela é uma necessidade e como tal terá que constantemente ser satisfeita, assim como o são, em nosso organismo, a fome, a sede, etc., se não quisermos incorrer no absurdo de perdê-la, depois de possuí-la. Como necessidade ela será um novo meio e terá um outro fim, mais natural e mais humano — a solidariedade. Deriva-se eia da igualdade ante os meios de desenvolvimento e da aplicação das faculdades orgânicas, que determinam a ação comum, ou em outros termos, da universalização da cultura e da socialização das forças produtivas.

Diminuir, portanto, as nossas possibilidades econômicas e financeiras, e reduzir o nosso poder aquisitivo, é dar franca guarida à miséria, é proteger a entrada em nosso mercado dos produtos estrangeiros, é atentar da forma mais aviltante possível contra a nossa liberdade.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES

(SEÇÃO DO PIAUÍ)

Em assembléia geral realizada no corrente mês, foi eleita a primeira diretoria efetiva da A. B. D. E., seção do Piauí, assim constituída: — Presidente — Abraão Atem; Vice-Presidente — M. Paulo Nunes; 1.º Secretário — Ribamar Ramos; 2.º Secretário — Hindemburgo Dobal; Tesoureiro — Raimunda Reis. Conselho Fiscal — José Virgílio Roch, Antilhon Soares, Da Costa Andrade, Wilson Brandão e Edmar Santana.

A noticia do mês

(Conclusão)

fica para os diretores da Liga que é preciso trabalhar mais, muito mais. A verdade é que criticando, medindo apenas o problema, não o resolveremos nunca. Compenetraram-se disto uns poucos homens e começaram o trabalho. Agora é seguir. Com este propósito, deliberaram iniciar a campanha do Natal. Duplicar-se-á, triplicar-se-á a matrícula dos meninos socorridos.

Mas, decididamente, seis ou doze homens não podem fazer tudo. É necessário que venham outros que os auxiliem na obra benemérita. Auxílio em dinheiro, na medida das possibilidades de cada um. O que está feito é uma solicitação sem discurso á generosidade de quem considerar, um instante que seja, a infinita miséria que está a roubar todos os dias dezenas de crianças á sociedade, ferida assim nas suas próprias fontes de vida.

A «Liga de Assistência á Infância» é um núcleo de resistência a que muitos se poderão juntar. Resistência á ruína da sociedade presente e futura. É, talvez, para o comum dos cidadãos a mais alta forma de atividade política. No amparo á infância miserável, que é uma parte tão grande do Brasil, estamos a trabalhar realmente por aumentar-lhe os braços para as indústrias da paz e, quem sabe, a defender-lhe expressões vindouras do seu gênio e cultura.

Valerá pensar que precisamos de homens e que homens se tiram de meninos bem alimentados? que, por falta de conveniente alimentação perecem um número assustador de crianças brasileiras? Não cremos que possa alguém fugir a estas perguntas, ao menos sem que se lhe perturbe a tranquilidade de espírito. Pensar uma vez na infância faminta no Brasil é entrar em contacto com o mais grave dos aspectos do chamado problema nacional. A «Liga de Assistência á Infância», cuja presidência se confiou em boa hora ao dr. Helvídio Ferraz, é uma advertência á sua atenção, leitor, e um apêlo á sua bondade.

Alô, Piauienses!

Vinicius LIMA

Um aventureiro idealista é um homem compreendido sob diversos prismas. Para uns, êle é produto de sua formação moral, para outros, um personagem do mundo místico, cheio de fantasias e decepções.

Inumeráveis são as verdadeiras personalidades tencionais, para aqueles que apenas observam; porém, para o individuo que personifica e que é o homem de quem se fala, naturalmente que é difícil definir com palavras concretas e claras. Existe um fator essencial, trazido do berço que somente o homem aventureiro sabe compreender.

Quando alguém, mal intencionado, procura ofuscar com lodo lançado de latrinas humanas, os objetivos de um ideal objetivo e nobre, naturalmente que sente o reflexo de sua baixa imaginação e a minha franqueza, vem inspirada no próprio Nordeste brasileiro, atual centro de minhas atividades literárias.

Sou brasileiro nascido no Pará, amo a Amazônia, o Sul, Centro e Nordeste, mas a êste último, dedico uma afeição especial. Nêle somente, eu encontrei os sagrados principios de solidariedade humana. Êste artigo, vem duma frase escrita em uma carta, a mim dirigida por uma jovem do Ceará: «Quem és tú? ...» — E como julgo oportuno, satisfarei não apenas aos leitores cearenses, mas aos piauienses, também:

Eu sou um dos mais humildes escritores brasileiros. Mas dentro de minha alma, existe um sentimento de sinceridade que me faz emigrar, nesta fase de embrionagem, a fim de que possa no futuro, dizer aquilo que ví e ouvi, e, não aquilo que fulano ou beltrano «disseram». E, como no Piauí tudo é sintético, inclusive os jornais, fugindo á minha norma procurei resumir, em poucas palavras, o que no meu «céu interior» ocupa toda uma página...

Alô, piauienses, é na verdade a minha frase de estilo. Alô, porque vocês, simbolizam alguma coisa de extraordinário na vida brasileira. Mas, guar-

Apresentação

(Conclusão da primeira página)

vens insatisfeitos, tiveram como prêmio a merecida execração pública. A revolta declarada da opinião pública. Como se fôsse obrigado a todo homem pensar com a opinião. Como se todos fossem obrigados a rezar por ûa mesma cartilha. Como se cada homem não pudesse ter também as suas idéias próprias. Como se cada moço não fosse uma semente de renovação e um eterno fermento de vida nova.

Mas a punição não pode corrigir êsses perturbadores do sossêgo público e do plácido sono provinciano. Agora, pela segunda vez, ousamos dizer de público, com o mesmo desassombro, o que pensamos do mundo, dos fatos, das idéias, dos homens de nosso tempo. Quem não quiser ouvir, faça o favor de ceder o lugar a outro. Somos intransigentemente democratas. E acreditamos que todos têm o direito de discordar uns dos outros. Que todos têm até o direito de não querer saber o que pensa o visinho. Estamos plenamente reconhecidos de que idéias só podem ser combatidas por idéias. Pela persuasão, pelo argumento, pelo debate limpo, pela ampla discussão. Pois continuamos a afirmar que, *embora não concordemos com uma só palavra do que dizeis, defenderemos até à morte o vosso direito de dizê-lo.*

dem a saída de meu livro «Através do Brasil», quando terei oportunidade de frisar a admiração que tenho pelos cearenses, maranhenses e piauienses.

Êste amontoado de palavras, ainda não pode ter significações profundas, eu sou assim, também. — Ainda estou formando na consciência, aquilo que ví e que passarei para as páginas de meu livro — ATRAVÉS DO BRASIL...

Nota da Redação: — Vinicius Lima é um jovem escritor paraense, que vem de percorrer o norte do País, á cata de impressões para um livro, e que nos dá, no momento, o prazer de sua visita.

A Ciência e a Paz TAREFA DOS NOVOS

Por SALUSTO

(Do Clube dos Novos)

Já o grande Pasteur pensava desta maneira sublime: «Je crois invinciblement que la Science et la Paix triompheront de l'ignorance et de la guerre, que les peuples s'entendront, non pour détruire mais pour édifier.» Incontestavelmente, estamos apreciando em nossos dias o avanço gigantesco da Ciência. O Homem, dia a dia, procura solucionar os mais complicados problemas. E a velha Ciência marcha, desassombadamente, amedrontando quem lhe deu pés e cabeça. E a paz, quando e como poderemos conseguí-la? Há, atualmente, em nosso mundo a luta tremenda de duas gerações. Uma que se bate pela implantação da liberdade, procurando acima de tudo, valorizar o Homem como parcela integrante do Universo. A outra que se divorcia deste pensamento para aliar-se à exploração do Homem.

É, portanto, um problema difícil de ser resolvido, assim penso eu. Entretanto, o grande Pasteur não pensaria deste modo, porque, para ele, a paz dependeria, exclusivamente, da compreensão mútua entre os Homens. Já mais deveríamos deixar que uma se atirasse contra a outra, que se pregasse a guerra para que a paz fosse conseguida. Não! Para ele que sempre compartilhou com os sofrimentos humanos, a paz só poderia ser conseguida se pregássemos a paz! E é o nosso dever e este é o nosso papel.

A humanidade sempre foi a mesma, em todos os tempos, apenas, caminha incansavelmente para desvendar novos horizontes, foge da ignorância para deleitar-se à copa da Ciência.

E neste momento de agitações em que a Ciência atinge o ápice da perfeição, as duas gerações entreolham-se, atemorizadamente.

Ou a paz perfulge na consciência da humanidade ou desabarará sobre ela o terremoto destruidor da bomba atômica.

Teresina, 17/9/47.

É inegável a tarefa que está reservada aos moços, na reconstrução do mundo de hoje.

Minado em suas raízes profundas por falsas concepções do homem e da vida, o espírito dos nossos tempos precisa encontrar em a nova geração, nos moços de hoje, um exemplo e um estímulo para a marcha vitoriosa que a civilização do após-guerra está empreendendo na conquista dos valores humanos.

Não há negar que um dos males dos nossos tempos é também um mal da mocidade, da geração que ainda não acertou com o seu caminho. A esta, porém, está confiada a grande, senão talvez a maior das tarefas que é a volta ao conhecimento da Verdade. Não de uma aparente verdade que cada um descobre para si, mas a Verdade que integra o homem no conhecimento da vida e no conhecimento do mundo. Só essa verdade os libertará.

Todos os moços sentem a responsabilidade que lhes pesa. E quando pensam que essa responsabilidade é dar ao homem a consciência de seu valor, pela compreensão do sentido humano de sua vida, é que ela se torna maior para eles. Já se chamou sacrificada a nova geração. Geração sacrificada, mas não geração sem esperanças na vitória, sem entusiasmos para

a luta. O seu campo de ação não está longe. Está bem perto. Está com ela. Não é apenas idealismo que se exige no momento presente, é trabalho, é fé, é consciência, é sacrifício. Não há lugar para atitudes passivas em face dos nossos problemas. Eles são muitos e exigem a atenção de todos, especialmente dos moços.

A vitória da democracia sobre o totalitarismo, na qual os moços tiveram grande parte, não parece bastante para que nela se firme a paz dos nossos dias. Não se trata apenas de viver democraticamente. É necessário antes de tudo conhecer o valor da Liberdade. E aqui está precisamente, outra grande tarefa para os moços de agora. Sua posição em face desses problemas deve ser decidida, de vez que «a liberdade corresponde ao que há de mais filosoficamente autêntico na natureza do homem — ser racional e livre.»

O conhecimento desse valor descobrirá novas perspectivas e os que trabalharem pela Liberdade e pela ordem democrática, estarão definitivamente unidos para a reconstrução do mundo e paz das gerações futuras.

Jornal dos Novos

COMISSÃO DE REDAÇÃO: Celso Barros - J. M. Ribeiro - M. Paulo Nunes e J. Ribamar Oliveira.

CLUBE DOS NOVOS

Realizou-se sábado, 20 do corrente, a eleição dos novos membros da Junta Executiva do Clube dos Novos, para o exercício de setembro a janeiro próximo, que ficou assim constituída:

- Representantes Oficiais: — 1.º M. Paulo Nunes — 2.º Melo e Freitas
- Encarregados de Cultura Literária: 1.º Celso Barros — 2.º M. Rodrigues de Carvalho;
- Encarregados de Cultura Científica: 1.º J. M. Soares Ribeiro — 2.º Vitorino Dantas;
- Encarregados de Cultura Artística: 1.º Lustosa Cantarelli — 2.º Francisco Bento;
- Encarregados de Cultura Recreativa: Raimunda Reis — 2.º Ribeiro Magalhães;
- Encarregados de Finanças: 1.º Raimundo Alves de Sousa — 2.º Luiz Vitorino de Sousa.

COMPOSTO E IMPRESSO NA
Gráfica EXCELSIOR

Preço — Cr\$ 1,00